

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: 01/08/2012 a 31/08/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Cargill inicia produção de biodiesel no País. Eduardo Magossi - O Estado de São Paulo. 22/08/2012.....	4
--	---

Etanol

Copersucar revisa para baixo produção de açúcar e etanol no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico. 09/08/2012.....	5
Petrobras e usinas pressionam por definição sobre etanol na gasolina – Folha de São Paulo, Mercado. 14/08/2012.....	6
Cenário adverso para usinas do Nordeste em 2012/13. Murillo Camarotto – Valor Econômico. 16/08/2012	6
No Brasil, setor está mais endividado. Eduardo Magossi e Venilson Ferreira – O Estado de São Paulo. 19/08/2012.....	7
Mistura maior visa elevar produção de etanol – Folha de São Paulo. 26/08/2012.....	8
Clima fará sobrar cana sem moer em 2012. Araripe Castilho – Folha de São Paulo. 31/08/2012.....	9
Sócio da Petrobras em etanol negocia venda. Fabiana Batista – Valor Econômico. 31/08/2012.....	10

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

De olho no B20 – Valor Econômico. 03/08/2012.....	11
Soja vai elevar preço do biodiesel no leilão da ANP – Folha de São Paulo, Mercado. 10/08/2012.....	11
Produção de matéria-prima para Biodiesel muda a vida de agricultor no Centro-Oeste - Site do MDA. 13/08/2012	11
Vendas de usinas 'travam' na resistência dos compradores. Fabiana Batista – Valor Econômico. 29/08/2012	13

Etanol

Alimentos e energias sustentáveis. Antonio Buainaim – O Estado de São Paulo. 07/08/2012.....	15
Presidente da Petrobrás defende a 'volta do etanol'. Renée Pereira - Estado de São Paulo, Economia. 08/08/2012.....	16

'Status' do etanol pode motivar aportes de R\$ 130 bi – Valor Econômico. 08/08/2012	17
Safra de cana-de-açúcar será de quase 600 milhões de toneladas. Vera Stumm – Site do MAPA. 09/08/2012	18
A Petrobrás contra o etanol – O Estado de São Paulo, Editorial. 09/08/2012	18
Produtores pedem definição do percentual de etanol na gasolina. Rosangela Capozoli – Valor Econômico. 13/08/2012	20
CTC e Embrapa unem forças na área de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 16/08/2012.....	21
Portaria define subvenção para pequeno produtor de cana-de-açúcar. Vera Stumm – Site do MAPA. 21/08/2012	22
Etanol precisa de política clara na matriz energética. Vasco Dias – Folha de São Paulo, Mercado. 26/08/2012	22
Estudo demonstra a acumulação das usinas de cana com dinheiro público – Site do MST. 27/08/2012	23
Rio corta imposto para incentivar etanol – Site da CNA. 30/08/2012.....	24

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Seca faz ONU pedir aos EUA que suspenda sua política de etanol – Folha de São Paulo, Mercado. 10/08/2012	25
Mandato do etanol nos EUA na berlinda. Mariana Caetano – Valor Econômico. 13/08/2012.....	26
Nos EUA, seca paralisa sete usinas de etanol. Denise Chrispim Marin – O Estado de São Paulo. 19/08/2012	28
Secretário de Agricultura americano comenta sobre política do etanol e queda de produtividade do milho – Site da CNA. 31/08/2012	29

Biodiesel

Argentina aumenta imposto de exportação de biodiesel. Marina Guimarães – O Estado de São Paulo, Economia. 11/08/2012	30
--	----

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Cargill inicia produção de biodiesel no País. Eduardo Magossi - O Estado de São Paulo. 22/08/2012

Empresa investiu R\$ 130 milhões em fábrica em Mato Grosso do Sul e entra em um mercado que opera com ociosidade de cerca de 50%

A Cargill entrou oficialmente no mercado de biodiesel com o início, ontem, das operações de sua primeira fábrica do combustível, em Três Lagoas (MS). Com capacidade de produção de 252 milhões de litros de biodiesel por ano, tendo a soja como matéria-prima, a unidade da Cargill é integrada à esmagadora de soja que a empresa já opera no local, reduzindo custos de transporte de matéria-prima.

"Teremos o óleo de soja para a produção de biodiesel dentro da fábrica", explica Max Slivnik, diretor comercial de grãos e processamento de soja da Cargill. A empresa também espera ganhos de competitividade pelo fato de a unidade possuir acesso a modais ferroviário, rodoviário e hidroviário. "A planta fica às margens do Rio Paraná", afirma. Apenas na unidade de produção de biodiesel foram investidos R\$ 130 milhões.

Segundo o executivo, o fato de a unidade estar localizada em região de forte vocação agrícola indica que haverá demanda próxima, o que acentua a competitividade da operação. "Máquinas agrícolas e caminhões que carregam a safra utilizam diesel que hoje tem uma mistura obrigatória de 5% em sua composição", disse o gerente comercial de biodiesel da Cargill, Elcio de Angelis. Com a empresa já em operação, a Cargill pretende participar do próximo leilão de compra da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP), esperado para início de setembro.

Agricultura familiar. Desde agosto de 2011, quando começou a construção da unidade, segundo Slivnik, também teve início a operação de criação de um departamento para cuidar da agricultura familiar, necessária para a empresa obter o "Selo de Combustível Social" do governo e poder participar de uma fatia maior do leilão de biodiesel da ANP. Segundo ele, o programa da Cargill de agricultura familiar já atinge mais de mil famílias espalhadas por 7 Estados.

O executivo disse que a Cargill já lida com a agricultura familiar em outros países, como na produção de algodão em países africanos, e procurou utilizar essa experiência no Brasil. A expectativa da empresa é de que o Ministério do Desenvolvimento Agrário conceda o selo social à fábrica no próximo mês.

Na Cargill, 100% da matéria-prima utilizada para produção de biodiesel será a soja, incluindo a vinda de agricultura familiar. "O início da operação da fábrica de biodiesel vai completar a participação da Cargill na cadeia de soja. Já estamos na cadeia alimentar, através de óleo de soja, de fornecimento de gordura vegetal para outras empresas de alimentos, de farelo, e também na exportação de soja. Agora, teremos também o biodiesel", afirma Slivnik.

A indústria já vai produzir um biodiesel com menos de 200 partes por milhão de umidade, exigência da ANP apenas a partir de 2014. "Queremos ter vantagem competitiva nos leilões, já

que, com as reformulações mais recentes, existe a possibilidade do comprador escolher a origem do biodiesel", disse.

Apesar da capacidade ociosa existente hoje no mercado, de cerca de 50%, Slivnik acredita que a Cargill será competitiva nesse mercado.

Segundo o gerente comercial Elcio de Angelis, o atual cenário de preços elevados da soja não deve afetar a empresa. "Temos estoques e originamos a soja. O problema é para quem tem que comprar a soja de terceiros", disse. A companhia já atua no segmento de biodiesel nos Estados Unidos, Bélgica, Alemanha e Argentina.

Etanol

Copersucar revisa para baixo produção de açúcar e etanol no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico. 09/08/2012

A Copersucar, maior comercializadora de açúcar e etanol do Brasil, revisou para baixo sua previsão para a atual safra de cana no Centro-Sul, a 2012/13. A produção de etanol, no mês passado estimada em 21,5 bilhões de litros, está agora prevista em 21,1 bilhões de litros. A produção de açúcar será, de acordo com o grupo, de 30,5 milhões de toneladas, ante as 31 milhões de toneladas previstas em julho. A empresa prevê, ainda, que não haverá tempo hábil para moer toda a cana disponível e que aproximadamente 30 milhões de toneladas da matéria-prima serão processadas apenas no ano que vem.

Segundo o presidente do conselho de administração da Copersucar, Luís Roberto Pogetti, a revisão não foi influenciada pelo volume de cana que será moído, que não foi alterado e deve atingir 510 milhões de toneladas na safra. A mudança se deu por causa da quantidade de açúcar contida na cana, ou seja, do ATR (Açúcar Total Recuperável), que deve ser de 134 quilos por tonelada de cana. Em julho, se previa que o ATR seria de 137 quilos por tonelada.

As exportações de açúcar para toda a região foram mantidas pela empresa, em relação à estimativa de julho, em 21,5 milhões de toneladas, bem abaixo das 23 milhões de toneladas previstas no começo da safra.

Após sofrer com falta de chuvas no começo do ano e com excesso delas em maio e junho, os canaviais estão em melhor condição e o clima é favorável. Por isso, diz Pogetti, deve haver mais oferta de cana disponível para processamento. No entanto, ele acredita que, como houve muito atraso na moagem devido às chuvas (e mais chuvas estão previstas mais à frente), é possível que as usinas do Centro-Sul não consigam processar a tempo toda a matéria-prima disponível. Ele calcula que cerca de 30 milhões de toneladas de cana ficarão "em pé" para a próxima safra.

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) previu em abril que o Centro-Sul vai processar no ciclo 2012/13 509 milhões de toneladas de cana e produzir 33,1 milhões de toneladas de açúcar e 21,4 bilhões de litros de etanol. Nenhuma outra revisão foi feita até o momento pela entidade.

Petrobras e usinas pressionam por definição sobre etanol na gasolina – Folha de São Paulo, Mercado. 14/08/2012

Setor diz que precisa de resposta neste ano, para se planejar.

A Petrobras pleiteia uma definição do governo até o fim deste ano sobre o aumento da porcentagem de etanol misturada ao combustível.

A estatal defende a elevação dos atuais 20% para 25% -o que reduziria a necessidade de trazer gasolina do exterior, comprada a preço internacional e vendida a um valor mais baixo no país.

Segundo o presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rosseto, a decisão do governo tem de vir até dezembro, para permitir às usinas ajustar seu mix de produção entre álcool e açúcar.

O presidente interino da associação das usinas, Antonio de Pádua Rodrigues, diz que o setor terá produção suficiente para atender aos 25%, mas também cobrou uma definição rápida do governo, para que as usinas planejem quanto produzirão de álcool anidro (misturado à gasolina) e hidratado (usado diretamente nos veículos).

Cenário adverso para usinas do Nordeste em 2012/13. Murillo Camarotto – Valor Econômico. 16/08/2012

Por causa do cenário adverso que afeta o setor sucroalcooleiro, algumas usinas do Centro-Sul deixaram de moer cana neste ciclo 2012/13, e já se prevê que, no Nordeste, onde a safra começa em setembro, algumas unidades também não vão conseguir operar. A estimativa é que cinco das 77 usinas nordestinas não processem cana neste ciclo. Assim, a moagem da região, que foi de 65 milhões de toneladas no ciclo passado, pode cair para 59 milhões nesta temporada.

Além dos problemas de competitividade que afligem o setor em todo o país, as usinas do Nordeste, concentradas em Pernambuco e Alagoas, convivem com custos mais expressivos de mão de obra, por conta do baixo índice de mecanização dos canaviais.

Entre as unidades que devem ficar paradas na próxima safra está a Usina Catende, localizada no município de mesmo nome, na Zona da Mata pernambucana. Em seus tempos áureos, na década de 1920, Catende era considerada a mais importante processadora de cana do país, com 1,5 milhão de toneladas de moagem.

Sucateada e com uma dívida que passa de R\$ 1 bilhão, a usina foi a leilão duas vezes neste ano, porém não houve interessados em pagar os R\$ 100 milhões estipulados como lance mínimo. O preço para o próximo certame, marcado para o dia 29 deste mês, caiu para R\$ 39,3 milhões.

Pelo menos outras três unidades de Pernambuco também correm o risco de ficar paradas, entre elas as usinas Cruangi e Vitória, ambas na Zona da Mata. Em Alagoas, maior Estado produtor da região, existe a possibilidade de que a moagem local seja concentrada em um número reduzido de usinas. Unidades da Paraíba também estão ameaçadas.

Responsável por cerca de 12% da cana moída no país, o Nordeste concentra 30% dos custos com mão de obra, o que torna a região ainda mais vulnerável aos efeitos da crise em que o etanol não consegue competir com o preço da gasolina. Além disso, a economia menos

diversificada da região torna os Estados mais dependentes do setor. "Cerca de um quarto dos municípios de Pernambuco tem ligação com a cana", diz Renato Cunha, presidente do Sindaúcar-PE.

O dirigente sublinha que o cenário é ainda mais complicado para as destilarias nordestinas, que produzem apenas etanol em tempos em que a produção de açúcar tem garantido alguma rentabilidade à indústria.

Em busca de alternativas, representantes do Fórum Nacional Sucroenergético se reuniram na última quarta-feira com técnicos do governo federal, em Brasília. Na pauta, os empresários defenderam maior previsibilidade para o percentual de mistura de álcool anidro à gasolina e, eventualmente, alguma desoneração fiscal.

No Centro-Sul, entre as usinas que não estão operando está a Dracena, localizada no município paulista de mesmo nome. A empresa decidiu vender sua cana para a ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht. Há também na região muitas usinas à venda por dificuldades financeiras, que se aprofundaram nas últimas safras. A estimativa do mercado é que esse grupo seja formado por usinas que somam capacidade para moer 75 milhões de toneladas de cana.

No Brasil, setor está mais endividado. Eduardo Magossi e Venilson Ferreira – O Estado de São Paulo. 19/08/2012

Segundo estudo do Itaú BBA, apenas na safra 2011/2012, encerrada em março, dívida das usinas cresceu R\$ 5 bilhões

O setor sucroalcooleiro terminou a safra 2011/12 mais endividado e alavancado do que em períodos anteriores, de acordo com estudo divulgado pelo Itaú BBA em reunião da Câmara Setorial de Açúcar e Etanol do Ministério da Agricultura, realizada em Brasília. A dívida líquida do setor atingiu R\$ 48 bilhões diante do aumento de custo de produção, em função da quebra da safra de cana-de-açúcar, falta de competitividade do etanol e maiores investimentos na recuperação de canaviais e mecanização. Apenas na safra 2011/12, que terminou em março, a dívida cresceu R\$ 5 bilhões.

Segundo o documento, 18% dos grupos analisados do Centro-Sul precisam passar por um processo de fusão e aquisição para sobreviver. O estudo, apresentado pelo diretor comercial de açúcar e etanol do Itaú BBA, Alexandre Figliolino, mostra que a safra 2011/12 terminou com o setor apresentando uma dívida líquida de R\$ 105 por tonelada de cana-de-açúcar, valor mais elevado que os R\$ 86,8 registrados na safra 2008/09, momento de eclosão da crise financeira mundial e retração da oferta de recursos.

"O aumento da dívida foi provocado pela quebra expressiva de cana, o que deixou uma capacidade ociosa de mais de 100 milhões de toneladas no setor", disse Figliolino. Ele ressaltou também os efeitos nocivos que a manutenção do preço estável da gasolina teve no setor, com a perda da competitividade do etanol. "Hoje, é o açúcar que está carregando e pagando as contas do setor, já que o governo insiste na manutenção dos preços da gasolina praticamente congelados."

Os dados do estudo foram obtidos através de análise do balanço financeiro de grupos produtores. Juntos, os grupos estudados possuem uma capacidade de moagem de 474 milhões

de toneladas, mas processaram efetivamente apenas 350 milhões de toneladas. Sem cana para moer, o custo de caixa das empresas aumentou, passando de 14,5 cents para 18,4 cents de dólar por libra-peso.

A alavancagem do setor também subiu, de 2,7 vezes a dívida líquida sobre o Ebitda para 2,9 vezes nos grupos estudados. No período, o setor investiu R\$ 14,45 bilhões em renovação de canavial e mecanização. Porém, os investimentos feitos somente trarão resultados em dois anos, quando o novo canavial estiver pronto para a colheita.

Segundo o documento, dos grupos analisados, apenas 12 possuem acesso pleno a capital. Esses grupos são responsáveis pela moagem de 232 milhões de toneladas, 36% da moagem do Centro-Sul. Outros 30 grupos, responsáveis pela moagem de 185 milhões de toneladas de cana, estão com excelente capacidade operacional e endividamento adequado e representam 29% da safra do Centro-Sul.

Os grupos em recuperação, com elevada alavancagem, somam 26, e possuem uma capacidade de moagem de 104 milhões de toneladas, 16% da safra do Centro-Sul. Por fim, 18% da moagem do Centro-Sul não sobreviverão sem uma fusão.

No estudo, Figliolino também analisa a concentração por que passa o setor. Se em 2005/2006 os dez principais grupos processavam 30% da cana existente, hoje eles representam 43% da capacidade de processamento.

No Centro-Sul, entre as usinas que não estão operando está a Dracena, localizada no município paulista de mesmo nome. A empresa decidiu vender sua cana para a ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht. Há também na região muitas usinas à venda por dificuldades financeiras, que se aprofundaram nas últimas safras. A estimativa do mercado é que esse grupo seja formado por usinas que somam capacidade para moer 75 milhões de toneladas de cana.

Mistura maior visa elevar produção de etanol – Folha de São Paulo. 26/08/2012

O governo vai elevar a mistura de etanol na gasolina de 20% para 25% no próximo ano para estimular o setor a elevar a produção de álcool no país e reduzir as importações de combustível.

"A medida está prevista, mas será adotada diante do compromisso do setor de aumentar a produção de etanol. Se a regra não for cumprida, revogamos a decisão", disse à Folha o ministro Edison Lobão (Minas e Energia).

A medida, reivindicada pela Petrobras para gastar menos com importação de gasolina, não seria viável neste ano porque a safra de cana não atenderia essa demanda.

Os produtores de cana e as usinas também defendem o aumento da mistura para estimular o setor.

A decisão, contudo, resolve parte do problema do etanol anidro, que é misturado à gasolina, mas não do hidratado, utilizado puro para abastecer os carros flex.

Atualmente, com o preço da gasolina contido artificialmente, o etanol hidratado não tem rentabilidade. Reflexo disso é que apenas cerca de 40% da frota de carros flex no país utiliza etanol.

Além de aumentar a mistura de etanol na gasolina, a equipe da presidente Dilma vai analisar outras medidas para aumentar a produção de combustível no país.

Os técnicos calculam ser possível elevar a produção de etanol sem investimentos em novas usinas.

As atuais têm capacidade para moer até 700 milhões de toneladas de cana por ano, mas a última safra foi de 550 milhões de toneladas. Ou seja, é possível agregar pelo menos mais 150 milhões de toneladas.

O cenário mais otimista traçado pelos técnicos, que prevê o menor volume de importação de gasolina nos próximos anos, foi baseado na adoção de medidas para somar mais 150 milhões de toneladas de cana na produção -90% teriam de ser destinados para etanol e 10% para produzir açúcar.

Clima fará sobrar cana sem moer em 2012. Araripe Castilho – Folha de São Paulo. 31/08/2012

Usinas atrasaram moagem por causa da estiagem no início do ano, mas chuvas de maio e junho impediram corte. Total moído representa 37,69 milhões de toneladas a menos que no mesmo período da safra passada

O setor canavieiro vive um momento de produtividade abaixo das expectativas do mercado e, mesmo assim, deve sobrar cana-de-açúcar sem moer nos canaviais neste ano.

A razão é climática, segundo a Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar), e o resultado é "péssimo" para toda a cadeia produtiva que sobrevive da cana -do produtor rural às fábricas de máquinas para usinas.

Atualmente, a safra total prevista para a temporada 2012/13 é de 555 milhões de toneladas no centro-sul do país, ou seja, 85 milhões de toneladas a menos que a capacidade de moagem instalada nas usinas (640 milhões de toneladas).

Até a primeira quinzena de agosto, a colheita de cana estava atrasada em cerca de 37,69 milhões de toneladas em comparação com o mesmo período do ano passado.

A quantidade moída somou 261,1 milhões de toneladas desde o início da safra até 15 de agosto. Em 2011, a colheita já havia chegado a 298,79 milhões de toneladas.

Se o ritmo da moagem não for recuperado, o prejuízo até o encerramento da temporada seria próximo dos R\$ 2 bilhões em cana, segundo a entidade das usinas.

O representante da Unica na região de Ribeirão Preto, Sérgio Prado, afirma que a situação é "quase uma contradição". "Se falta cana para moer e abastecer um mercado que já existe, como pode sobrar cana em pé?"

Ele afirmou que a explicação está na variação climática. No início da safra, muitas usinas deixaram para começar a colher mais tarde porque a estiagem já prejudicava a qualidade da cana.

Quando a planta estava boa para ser colhida, entre o final do primeiro semestre e o início do segundo, as chuvas impediram o corte.

"Não se trata de incompetência do setor para colher o que é plantado. Mas simplesmente não dá para se ignorar o clima. O clima é um dos senhores da agricultura", disse o representante da Unica.

SOBRA MENOR

Com a estiagem que já dura mais de um mês, as usinas estão tentando tirar o atraso para reduzir a quantidade de sobra de cana nas lavouras.

"[O excedente] Deve ser menor [que os 37,69 milhões de toneladas atuais] porque as usinas vão acelerar a colheita", afirmou Prado.

O presidente da Datagro, Plínio Nastari, minimizou o impacto para o setor: "A cana que não é colhida agora será usada no início da safra do ano que vem".

Sócio da Petrobras em etanol negocia venda. Fabiana Batista – Valor Econômico. 31/08/2012

A Turdus Participações, sócia da Petrobras Biocombustível (PBio) na usina mineira Total Agroindústria Canavieira, contratou o banco Credit Suisse para assessorá-la na venda de sua participação de 53% no negócio, segundo apurou o **Valor**.

A unidade, que tem capacidade para processar 1,2 milhão de toneladas de cana por safra, está localizada em Bambuí e foi a primeira usina de etanol a ter uma participação comprada pela PBio no país. Pela fatia de 40,4%, a estatal fez um aumento de capital de R\$ 150 milhões. A aquisição da Total foi anunciada no fim de 2009 e, no ano seguinte, a estatal consolidou sua posição em etanol ao anunciar as parcerias com as sucroalcooleiras Guarani e São Martinho.

Segundo fontes ouvidas pela reportagem, a necessidade de integralizar mais capital ao negócio por causa das últimas quebras de safra e dos preços pouco remuneradores do etanol teriam desestimulado a continuidade da Turdus no negócio. Na região de Bambuí, onde fica a sede da usina, comenta-se que a empresa estaria insatisfeita com os prejuízos da operação com cana.

Mas ao **Valor**, o sócio da Turdus, José Geraldo Ribeiro, negou que a empresa tenha fluxo de caixa negativo ou que a PBio esteja descumprindo com o plano de investimento já anunciado. "A relação com a PBio é excelente", garantiu.

Ele afirmou, no entanto, que foi procurado por três empresas interessadas em negociar a compra de sua participação na usina Total. Sem revelar nomes, disse que ainda não assinou nenhum acordo de confidencialidade, mas que deve fazê-lo com uma das pretendentes em breve. "Existem players interessados em ser sócios da Petrobras e a Total é uma alternativa. Fui procurado. Não foi uma iniciativa minha", esclareceu Ribeiro.

Ele reconheceu que contratou um banco de investimentos para assessorá-lo, mas não confirmou se é o Credit Suisse. Apesar de estar analisando as propostas recebidas, Ribeiro diz não enxergar ser agora um bom momento para vender sua participação. "O setor está com preços depreciados.

Atualmente, o mercado fala de múltiplos de US\$ 100 e US\$ 110 por tonelada de capacidade instalada. Por esse valor, não tem negócio", disse.

Procurado, o Credit Suisse afirmou, por meio de sua assessoria, que não comentaria rumores de mercado. A PBio também preferiu não comentar.

Neste ano, a PBio afirmou que investirá entre 2012 e 2016 US\$ 3,8 bilhões em "Biocombustíveis", US\$ 300 milhões a menos do que o previsto para o período entre 2011 e 2015. A redução veio da menor demanda por investimentos em logística, uma vez que a maior parte dos aportes já foi feita em 2011. Mas a estatal avisou que cumprirá com investimentos anunciados, mas que não estão previstos novos aportes até que investir em etanol volte a ser rentável.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

De olho no B20 – Valor Econômico. 03/08/2012

Em discussão na Casa Civil, o novo marco regulatório do biodiesel poderá estimular investimentos de R\$ 28 bilhões até 2020, segundo estimativa divulgada ontem pela Associação de Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio) e pela União Brasileira de Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio). O cálculo leva em consideração os aportes necessários em toda a cadeia produtiva, desde a ampliação do parque produtivo até a logística, para fazer frente à demanda pelo biocombustível. Com o novo marco regulatório, o segmento espera elevar a mistura de 5% de biodiesel no diesel para 7% este ano, 10% em 2014 e, finalmente, 20% em 2020. Com o atual percentual (5%) de mistura, não há necessidade de investimentos, devido à ociosidade. "Apenas 40% da capacidade industrial do país é explorada", afirma Juan Diego Ferrés, presidente da Ubrabio.

Soja vai elevar preço do biodiesel no leilão da ANP – Folha de São Paulo, Mercado. 10/08/2012

O próximo leilão de biodiesel da ANP, cujo edital será publicado amanhã, terá preço de referência maior do que o último leilão, devido ao aumento da soja no exterior.

O biodiesel brasileiro é 80% feito a partir da soja e o restante de gordura animal (15%), óleo de fritura (0,71%) e óleo de algodão (3%) entre outros materiais graxos.

Produção de matéria-prima para Biodiesel muda a vida de agricultor no Centro-Oeste - Site do MDA. 13/08/2012

No sudoeste goiano, agricultores familiares de quatro municípios decidiram readequar suas produções. De olho na movimentação do mercado e nos incentivos do Programa Nacional de

Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), iniciativa interministerial que atribui ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a responsabilidade de operacionalizar a inclusão produtiva e qualificada dos agricultores familiares, parte dos 800 agricultores associados à Cooperativa Mista Agropecuária do Rio Doce (Coparpa), de Jataí, iniciou a produção de matéria-prima para a comercialização do biodiesel. A mudança, feita há quatro anos, alterou a cadeia produtiva da região. As propriedades familiares que priorizavam a criação do gado leiteiro passaram a investir no cultivo dos grãos usados para a fabricação do combustível renovável.

Em pouco tempo, eles já conseguem contabilizar os lucros. “Quando vendia leite, ganhava muito pouco. Um salário mínimo, no máximo, e no meio do mês já não tinha mais nada. Hoje, tenho uma casa digna e um carro na garagem. Minha vida mudou rapidamente por causa da agricultura familiar”, conta o agricultor Nídio Soares de Oliveira, de 48 anos, que também é vice-presidente da Coparpa.

Assim como os associados da cooperativa, Nídio Oliveira escolheu a soja para cultivar. Somente no ano passado, a produção ultrapassou a marca dos 95 mil quilos. Na Coparpa, o ano de 2011 fechou com o registro de 12 mil toneladas produzidas.

Os números impressionam, mas nem sempre foi assim. Segundo o agricultor, a maioria dos produtores da cooperativa demonstrou resistência para plantar o grão. “A cooperativa se interessou pelo programa do biodiesel e foi atrás dos agricultores. No começo, eles não acreditavam, mas quando viram que os dois ou três produtores que acreditaram no programa estavam crescendo, eles mudaram de ideia. Hoje, tem agricultor estudando agronomia, administração, para investir no desenvolvimento de suas propriedades”, explica.

A satisfação do agricultor tem uma razão. Conduzido por uma comissão interministerial, que abrange vários órgãos públicos, o Programa viabiliza a produção e o uso do biodiesel, o que garante mercado para todos os produtores de oleaginosas. Nesse processo, a inclusão produtiva dos agricultores familiares é assegurada pelo Selo Combustível Social, operacionalizado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Criado em 2004, o selo é uma concessão dada às usinas de Biodiesel que adquirem as matérias-primas dos agricultores familiares. O percentual mínimo das aquisições varia conforme a região: 15% para o Norte e Centro-Oeste e 30% para o Sul, Sudeste e Nordeste. A proporção é calculada com base no custo anual, em reais, de aquisição das oleaginosas da agricultura familiar em relação ao custo de aquisições totais de matérias-primas utilizadas no período para a produção, conforme define a Instrução Normativa nº 1/2009, que regula os critérios e procedimentos específicos para a concessão. O dispositivo estabelece ainda que a assistência técnica e capacitação oferecida aos agricultores familiares serão de responsabilidade das indústrias que comprarem as matérias-primas.

“Com a criação do Selo Combustível Social, as usinas precisam dos agricultores familiares. Por isso, quase 70% das indústrias de biodiesel do país possuem o certificado. Juntas, elas são responsáveis pela produção de mais de 95% do total do biodiesel originado no Brasil. Somente no ano passado, esse mesmo grupo comprou quase dois milhões de toneladas de grãos e óleos, o equivalente a R\$ 1,5 bilhão em compra da agricultura familiar”, ressalta o coordenador-geral de Biocombustíveis da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA, André Grossi Machado.

Em contrapartida, o estabelecimento industrial com o certificado recebe incentivos fiscais

diferenciados, como o acesso às alíquotas do PIS/Pasep e Cofins com coeficientes de redução e a participação assegurada de 80% do biodiesel negociado nos leilões públicos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A plantação do agricultor Nídio de Oliveira é feita no sítio de 32 hectares onde ele mora com a família, no município de Paraúna (GO). Nídio afirma que continua com a criação dos animais, mas, agora, o leite obtido é para consumo próprio. Os grãos de soja colhidos por ele são armazenados em sacas e comercializados para três usinas diferentes. As negociações podem ser feitas individual ou coletivamente, como explica o agricultor, que prefere vender junto com os outros cooperados. “Com o grupo é melhor, porque temos mais lucros”, explica.

Pensando na expansão das vendas dos grãos, a Coparpa terá um escritório em cada um dos municípios com agricultores associados. Com sede em Jataí, a cooperativa já possui filiais em Rio Verde e Montividiu. Em breve, será a vez de Paraúna.

Safrinha

No intervalo de uma safra de soja para outra, o agricultor aproveita para plantar o milho safrinha. “A colheitadeira está entrando na roça e a plantadeira vai atrás, já com o milho, para fazer a correção do solo. Além da recuperação da terra, temos uma fonte de renda a mais”, acrescenta Nídio. Toda a ação é acompanhada pelos extensionistas das usinas e, também, pelos agrônomos próprios da Coparpa.

Biodiesel no Centro-Oeste

De acordo com os dados mais recentes da Coordenação-Geral de Biocombustíveis da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA, o Centro-Oeste é a terceira região do país com mais famílias beneficiadas pelo programa. São aproximadamente 3,5 mil, de um total de 104.295 no país. Juntas, elas produziram aproximadamente 430 mil toneladas de matérias-primas em 2011. No mesmo ano, o setor foi responsável por movimentar R\$ 294,98 milhões. Das matérias-primas produzidas, quase a totalidade é originada das plantações de soja. O restante é dividido pela produção de gergelim, girassol e canola. A região concentra 19 usinas detentoras do Selo do Combustível Social.

Projeto Polos do Biodiesel

Para garantir o acesso dos agricultores familiares às políticas públicas, às tecnologias e à capacitação adequada, o MDA ainda atua em outra frente dentro do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel. Essa iniciativa é chamada de Projeto Polos do Biodiesel, uma das principais estratégias para contribuir, com foco microrregional ou territorial, para promoção da inclusão social de agricultores familiares na cadeia produtiva do biodiesel por meio da produção de oleaginosas.

Vendas de usinas 'travam' na resistência dos compradores. Fabiana Batista – Valor Econômico. 29/08/2012

Com muitos dispostos a vender e poucos animados a comprar, o segmento sucroalcooleiro começa a padecer de uma espécie de encalhe de usinas. A estimativa é de que neste momento estejam à venda, com assessoria de butiques ou bancos de investimento, em torno de uma dezena de unidades industriais no Centro-Sul, com capacidade conjunta de moagem de cerca de 35 milhões de toneladas de cana por safra.

Há, ainda, muitas que desistiram da venda, como é o caso do grupo paulista Clealco, com condição de moer 10 milhões de toneladas e que não encontrou comprador interessado a pagar o valor pedido. Também não fazem parte desse universo unidades de menor porte, cujos proprietários querem negociar e que, em alguns casos, até suspenderam a moagem por falta de capital para investir no plantio de cana. Considerando-se também esse grupo, são dezenas de unidades à venda, com capacidade conjunta de moagem de pelo menos 75 milhões de toneladas.

Na lista de quem tem assessoria de butiques ou bancos de investimento a seu serviço estão as unidades da Renuka do Brasil, que tenta vender uma participação a um sócio estratégico, a Usinas Itamarati, de Mato Grosso e a espanhola Abengoa e a própria Biosev. Mesmo a francesa Louis Dreyfus tentou vender até 20% de sua controlada Biosev numa oferta inicial de ações na BM&FBovespa e suspendeu a operação sob a alegação de que o mercado não vive bom momento.

Algumas dessas empresas fizeram a partir de 2009 aquisições de outros grupos altamente endividados, foram surpreendidos com três safras de severas intempéries climáticas e tiveram pouca bagagem técnica para minimizar os problemas da área agrícola, que responde por 70% dos custos de produção do etanol e do açúcar.

A baixa rentabilidade do etanol - produto que motivou todos os investimentos desde 2006 - entrou na lista de problemas que deprimiram os que já tinham investido e afastou aqueles que avaliavam a possibilidade de fazer apostas. O resultado é que, de forma geral, os potenciais "players consolidadores" estão neste momento preocupados em resolver os problemas que têm dentro de casa antes de botar a cara na janela. Alguns saíram ao mercado, mas não para comprar, e sim para vender.

É o caso da empreiteira espanhola Abengoa, que em 2007 comprou as duas usinas da Dedini Agro por US\$ 600 milhões, teve menos cana disponível do que previa e vem apresentando performance abaixo da esperada. Em fevereiro, colocou à venda suas usinas, que somam moagem de 6 milhões de toneladas, mas por enquanto não achou comprador.

Segundo cálculos do mercado, a Abengoa pagou pelas usinas o equivalente a US\$ 140 por tonelada de capacidade de moagem instalada, número só menor que os US\$ 150 por tonelada que a BP Biocombustíveis pagou no ano passado pelas usinas da CNAA (Companhia Nacional de Açúcar e Álcool) - valor mais elevado já pago por uma usina no Brasil. Hoje, os compradores até sentariam à mesa, mas por entre US\$ 60 e US\$ 80, segundo afirmou recentemente um grande empresário do segmento.

A baixa rentabilidade do etanol continua a ser a razão principal do desinteresse dos investidores pelo negócio sucroalcooleiro no Brasil. A competição direta do etanol (hidratado) com os preços artificialmente estáveis da gasolina limita os ganhos das usinas, muitas vezes não pagam os custos de produção e muito menos remuneram os elevados investimentos necessários no negócio, intensivo de capital.

A própria Petrobras Biocombustível (PBio), outro potencial players consolidador, já afirmou que pisou no freio e que fará apenas os investimentos já anunciados. "Estamos cumprindo com aportes os previstos anteriormente, mas não vamos investir recursos adicionais. A orientação do conselho de administração da companhia é que todos os investimentos devem ser feitos quando há retorno financeiro", disse o presidente da PBio, Miguel Rossetto, em entrevista ao **Valor** em julho.

Os prejuízos sucessivos de algumas companhias do segmento - aprofundados por problemas climáticos nos canaviais - também vêm afugentando novos investidores. De acordo com analistas, o fator pesou para a suspensão da oferta inicial de ações da Biosev, que tem 40 milhões de toneladas de capacidade de moagem de cana-de-açúcar.

Esse cenário pode mudar se vier o esperado aumento dos preços da gasolina, defende o sócio da consultoria da FG Agro, Luiz Gustavo Corrêa. "Nos nossos cálculos, um reajuste de 5% no preço do etanol implicará em aumento de 30% a 40% no valor dos ativos de etanol. Se eu fosse vendedor, não venderia agora", afirma.

Etanol

Alimentos e energias sustentáveis. Antonio Buainaim – O Estado de São Paulo. 07/08/2012

Mais uma vez o Congresso da Associação Brasileira do Agronegócio promoveu debate sobre temas estratégicos para a economia brasileira: o papel e a oportunidade de o Brasil assumir a liderança nos campos da oferta de alimentos e energia renovável de forma sustentada e crescente neste século.

As oportunidades são claras e conhecidas. Segundo a OCDE e a FAO a oferta mundial de alimentos precisa crescer 20% até 2020, e o Brasil é um dos poucos países com potencial básico para responder a este desafio. O futuro da energia renovável já não depende da disponibilidade da energia fóssil nem das oscilações dos preços do petróleo, mas das crescentes pressões da sociedade por energias limpas que mitiguem a bomba do aquecimento global. Isso significa que, "com ou sem crise de petróleo, é fundamental ter uma participação maior das fontes renováveis no mix energético global. O Brasil saiu na frente com o biocombustível proveniente da cana-de-açúcar e a exploração dos recursos hidrelétricos e não pode perder as enormes vantagens que esse pioneirismo oferece". As oportunidades são ímpares e aqui se poderia aplicar, com propriedade, o já famoso bordão do "nunca antes neste país". Mas aproveitá-las e transformá-las em motores de desenvolvimento sustentável exige mais que bordões e boas intenções. Para os conferencistas "a receita é conhecida, mas precisa ser colocada em prática"; chamaram a atenção para algo óbvio, mas que não é compreendido entre nós: produzir e colocar alimentos e energia renovável no mercado é um negócio complexo e arriscado, que requer investimentos vultosos, contínuos e sustentáveis em infraestrutura, inovação tecnológica, recursos humanos, gestão e instituições. Estas exigências perpassam todos os setores da economia e envolvem produtores, agroindústrias, prestadores de serviços e setor público, e por isso mesmo têm potencial para beneficiar o conjunto da sociedade.

O agronegócio brasileiro atingiu um estágio no qual já não é possível continuar crescendo sem coordenação entre os principais participantes das cadeias produtivas, incluindo o setor público. Os investimentos dos produtores dependem das condições, regras (instituições) e políticas definidas em grande medida pelo Estado. Nos últimos dez anos tivemos vários exemplos de impasses institucionais que atrasaram o desenvolvimento do setor, do veto velado à biotecnologia transgênica à reforma do código florestal, que tiveram como pano de fundo certa incompreensão sobre o papel positivo do agronegócio para a sociedade brasileira e uma forte ideologização dos debates, às vezes alimentados por setores do próprio governo. Não se trata, naturalmente, de suprimir as diferentes visões do mundo que animam as controvérsias, sem o que não haveria democracia de fato, mas, sim, de buscar convergências, dentro do paradigma do desenvolvimento sustentável e da emergente economia verde, para criar condições para reforçar o papel desenvolvimentista do agronegócio brasileiro. Nesse sentido, os debates de ontem contribuem para superar as polarizações, inúteis e paralisantes, e apontar rumos para o setor.

Em um contexto de preocupação quanto ao futuro da indústria brasileira, Luciano Coutinho (BNDES) lembrou que as cadeias produtivas do agronegócio podem contribuir, e muito, para valorizar vários segmentos da indústria nacional e de serviços modernos que produzem meios e agregam valor à produção primária. Para tanto é necessário "desenvolver os estímulos vitais para as cadeias crescerem com base na inovação e na utilização eficiente e sustentável dos recursos naturais, e para agregarem valor com a biotecnologia, a logística, o uso da tecnologia de informação e a aplicação de inovações nas etapas de processamento, conservação e comercialização". De duas coisas não se duvida: do potencial brasileiro para produzir, de forma sustentável, alimentos de qualidade e seguros e energias renováveis e limpas e de que realizar esse potencial transcende o agronegócio stricto sensu e envolve toda a sociedade, nos esforços e nos benefícios.

Presidente da Petrobrás defende a 'volta do etanol'. Renée Pereira - Estado de São Paulo, Economia. 08/08/2012

Retomada de produção do etanol, segundo Graça Foster, é a forma de resolver o problema do aumento da importação de gasolina

A solução para o crescente aumento da importação de gasolina está na retomada da produção de etanol no Brasil, declarou ontem a presidente da Petrobrás, Maria das Graças Foster. Segundo a executiva, o atual plano de investimentos da estatal não prevê nenhuma nova unidade para aumentar a oferta de gasolina no curto prazo nem contempla a mudança no perfil das refinarias em execução - cuja capacidade estará mais voltada para produção de diesel.

"Sou meio rígida nas questões de mudanças de escopo de projetos. Se fizermos isso agora, teremos mais atraso nas refinarias que tanto precisamos. A forma mais rápida para resolver o problema é a volta do etanol", defendeu Graça, após evento realizado ontem, em São Paulo, pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp).

A executiva destacou que todo planejamento da Petrobrás foi feito em cima de um cenário que previa a expansão da produção de etanol no Brasil, o que não ocorreu. Mas ela se mostrou confiante em relação ao futuro: "Há uma expectativa de aumento na oferta do biocombustível a partir do ano que vem. Em 2014, estaria regularizado".

O cenário otimista de Graça, porém, não é compartilhado pela maioria da indústria de etanol, que reivindica o aumento do preço da gasolina. Na avaliação dos usineiros, essa é a única maneira para compensar a escalada do custo de produção e devolver a competitividade do biocombustível no mercado nacional.

Graça disse que tem trabalhado forte para que o etanol volte e acredita que governo e produtores conseguirão, em breve, encontrar uma saída para o problema. "O etanol tem a cara do Brasil. A retomada do setor é para o bem do biocombustível e para o bem dos hidrocarbonetos", disse Graça.

Uma das alternativas levantadas pelo Ministério de Minas e Energia é a elevação da mistura de etanol na gasolina, de 20% para 25%. Mas hoje, se essa mudança ocorrer, o País terá de importar etanol dos Estados Unidos para atender à demanda interna. Por enquanto, o governo não dá sinais de que está disposto a elevar os preços para dar competitividade ao etanol e reforçar o caixa da Petrobrás.

Preço. A presidente da estatal afirmou que o assunto preço está sempre na pauta, mas, no momento, não há nenhuma negociação em curso com o governo para reajuste da gasolina. "É claro que, como produtor, quero volume de venda e preço. Mas nossa política é de longo prazo." Isso significa que a empresa continuará mantendo a posição de adequar os preços internos da gasolina e diesel às tendências do mercado internacional, e não a variações pontuais.

Graça observou que é dever da Petrobrás mostrar a situação financeira da empresa para o acionista controlador, que é a União. Mas ela fez questão de ressaltar que os preços não tiveram peso muito grande no resultado trimestral da companhia - a estatal teve prejuízo de R\$ 1,3 bilhão no segundo trimestre do ano. "Não está entre os cinco fatores que mais impactaram o resultado, como é o caso do câmbio, da produção menor e a perda de eficiência operacional."

A executiva destacou que a Petrobrás prepara um plano de redução de custos operacionais, que deve priorizar uma melhor eficiência da empresa. Com isso, uma das melhorias esperadas pela companhia é o melhor gerenciamento das paradas das unidades de produção.

"Falamos em melhoria de eficiência operacional para que não tenhamos paradas não programadas", afirmou Graça Foster. "Paradas programadas não nos preocupam. Está na conta."

'Status' do etanol pode motivar aportes de R\$ 130 bi – Valor Econômico. 08/08/2012

A depender da política do governo para os preços da gasolina, que atualmente impõe um "teto virtual" para o etanol, e da definição do papel do produto na matriz de combustíveis do país na próxima década, os investimentos dos agentes do segmento sucroalcooleiro serão retomados e poderão somar R\$ 130 bilhões até 2021.

A estimativa foi reforçada ontem por Antonio de Padua Rodrigues, presidente-executivo interino e diretor técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), durante o 13º Encontro Internacional de Energia, realizado pela Fiesp na capital paulista. "Sem a definição dessas regras, não vai ter investimentos em etanol". De acordo com ele, a definição da fatia do etanol na matriz de combustíveis precisa sair até 2013 para acelerar os aportes, tendo em vista o prazo de maturação dos projetos.

Padua estima que serão necessários R\$ 130 bilhões em investimentos até 2021 caso o governo defina que o etanol deve representar 50% da matriz de combustíveis na próxima década, já que a moagem de cana teria que aumentar em cerca de 300 milhões de toneladas em relação ao patamar atual, pouco inferior a 700 milhões de toneladas.

Mas o dirigente também defende uma nova política de preços para a gasolina, já que atual segura os preços do etanol independentemente das condições de oferta e demanda do biocombustível, o que afeta a competitividade do segmento. "Só neste ano, 14 usinas deixaram de operar [no Centro-Sul]", disse ele.

"O grande elemento desse retrocesso é a política de preços da gasolina", criticou o presidente da consultoria Datagro, Plínio Nastari, também presente ao evento. Para Nastari, as condições atuais do mercado fazem o Brasil retroceder em suas conquistas. "O marco brasileiro em energia renovável está diminuindo de tamanho". Entre 2000 e 2010, a participação média do etanol na matriz de combustíveis foi de 44,6%. Em 2011, recuou para 31,7%, conforme a Datagro.

Safra de cana-de-açúcar será de quase 600 milhões de toneladas. Vera Stumm – Site do MAPA. 09/08/2012

Para a produção de cana-de-açúcar espera-se um aumento próximo de 8,41%, passando de 35,97 milhões de toneladas para 38,99 milhões

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) concluiu o 2º Levantamento da Safra de Cana-de-açúcar para a temporada 2012/13. Os números coletados pela Conab indicam um aumento na produção de cana-de-açúcar de 6,5%, com uma recuperação da produtividade média das lavouras de 4,3%, que passará de 560,36 milhões de toneladas na safra passada para 596,63 milhões t na nova safra. A área de corte também apresenta uma pequena elevação passando de 8.356,1 mil hectares para 8.527,8 mil ha.

Para a produção de açúcar espera-se um aumento próximo de 8,41%, passando de 35,97 milhões de toneladas para 38,99 milhões. A produção total de etanol deve crescer 22,76 bilhões de litros para 23,49 bilhões, representando um crescimento de 3,21%.

A ênfase maior deve ficar com o etanol anidro, que se destina à mistura com a gasolina, com um aumento de 6,85%. Para o etanol hidratado, utilizado nos veículos "flex-fuel", o aumento esperado é de 0,98%.

A Petrobrás contra o etanol – O Estado de São Paulo, Editorial. 09/08/2012

Mais um dado negativo foi acrescentado ao desastroso balanço da Petrobrás, com a divulgação, nessa terça-feira, dos números da agroindústria no primeiro semestre. A produção foi 3,9% menor que a de um ano antes, segundo o IBGE. Esse resultado geral é explicável principalmente pelo mau desempenho do setor de açúcar e álcool. Condições de tempo desfavoráveis prejudicaram a lavoura, mas a redução da safra de cana foi também consequência da contenção artificial de preços da gasolina, um grave desestímulo à indústria do etanol. A nova presidente

da Petrobrás, Graça Foster, apontou claramente o erro da política de preços e prometeu buscar a paridade com as cotações internacionais.

Os números da agroindústria poderiam constituir um apêndice ao relatório financeiro da estatal. O quadro fica mais claro quando se decompõem os resultados. Os setores vinculados à agricultura têm mais peso no conjunto da agroindústria e apresentaram o pior desempenho, com produção 5,9% inferior à do primeiro semestre de 2011. O resultado foi menos ruim nos segmentos vinculados à pecuária. Estes produziram 5% menos que na primeira metade de 2011. Números muito piores aparecem quando se examinam a fabricação de derivados da agricultura. A queda geral foi de 7,3% em relação aos dados de um ano antes, mas esse dado ainda não mostra onde se concentraram os problemas.

A produção de açúcar cristal foi 38% menor que a de janeiro a julho de 2011. A de álcool diminuiu 28,5%. Redução da área plantada, seca no período de crescimento e excesso de chuvas na fase de colheita resultaram numa safra menor e atrasaram a moagem da cana. Mas o menor investimento no plantio deve-se também, como informa o comunicado do IBGE, "à menor demanda por álcool hidratado". Na maior parte dos Estados, segundo o texto, foi mais vantajoso abastecer os veículos com gasolina. Há também uma referência à crise econômica mundial como fator de desestímulo aos investimentos para renovação dos canaviais.

O prejuízo da Petrobrás foi em parte atribuído pelos dirigentes da empresa à valorização do dólar. Esse foi, sem dúvida, um dos fatores do mau resultado financeiro. Mas a explicação ficaria mais completa com uma referência ao aumento de importação de gasolina. Foi preciso importar mais combustível por causa da escassez de etanol - problema presente já há anos - e também da insuficiência da capacidade nacional de refino. O programa de construção de refinarias está atrasado e, além disso, os custos das obras têm superado amplamente aqueles previstos originalmente. O caso da Refinaria Abreu e Lima tem sido apontado pela presidente Graça Foster como um exemplo a ser evitado, pela gravidade dos erros. O primeiro deles foi a associação estritamente política com a PDVSA. Nem sequer um centavo foi pingado até hoje pela estatal controlada pelo caudilho Hugo Chávez.

Com o câmbio em torno de R\$ 1,5 por dólar o desajuste do preço da gasolina no mercado interno ainda era disfarçável, comentou em São Paulo, num debate sobre energia, o presidente da Datagro Consultoria, Plínio Nastari. Com a depreciação do real a defasagem do preço tornou-se muito mais evidente e insustentável, acrescentou. Mas um grande estrago foi feito: preços artificialmente baixos da gasolina afetaram o mercado e prejudicaram a produção de cana e de etanol.

O setor sucroalcooleiro precisará de investimentos de R\$ 130 bilhões para voltar a crescer e produzir etanol suficiente para uma participação de 50% na matriz de combustíveis, segundo o presidente interino da União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Antônio de Pádua Rodrigues. Esse dinheiro seria necessário para a construção de cem novas usinas de produção exclusiva de álcool. Em 2010 o etanol representou 44,6% dos combustíveis utilizados no Brasil. No fim do ano passado a participação havia caído para 31,7%. Mas novos investimentos, ressaltou, vão depender de uma clara definição de políticas. Por enquanto, pode-se acrescentar, o próprio governo se mostra carente de ideias claras sobre seus objetivos.

Produtores pedem definição do percentual de etanol na gasolina. Rosângela Capozoli – Valor Econômico. 13/08/2012

Os produtores de cana-de-açúcar querem garantias do governo sobre o futuro do etanol antes de arriscar novos investimentos. Para a Unica, que reúne o conjunto dos produtores, o governo pode até baixar o preço do combustível, mas terá de garantir o custo do projeto etanol se quiser aumento na produção.

"Reivindicamos uma definição clara da participação do etanol na matriz de combustíveis daqui a 20 anos. Queremos que o investidor tenha uma previsibilidade para saber que o investimento manterá a regra do jogo, independentemente da política interna de preço de gasolina", afirmou Antonio de Pádua Rodrigues, presidente interino da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica), durante encontro sobre energia promovido pela Fiesp em São Paulo.

No biênio 2008/2009, de acordo com Rodrigues, 30 novos projetos entraram em operação. "Mas até 2015 apenas quatro novas unidades deverão ser construídas. E não existem projetos previstos para início de operação após essa data", advertiu.

O setor sucroalcooleiro, pelas suas contas, requer investimentos de R\$ 130 bilhões para voltar a crescer e retomar a participação do etanol de 50% na matriz brasileira de combustíveis. Segundo ele, esses recursos seriam utilizados na construção de 100 novas usinas para produção apenas de etanol. Em 2010, o etanol chegou a representar 44,6% do total de combustíveis utilizados no Brasil. No final de 2011, a participação caiu para 31,68%. Nesses investimentos não está incluída a produção de açúcar, afirmou. Para o professor Luiz Augusto Horta Nogueira, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei - MG), a produção caiu 30% desde 2008. "O Brasil passou a importar etanol. A causa está associada à perda de competitividade determinada essencialmente pela intervenção governamental na formação de preços da gasolina, mantidos em níveis artificialmente baixos", frisou.

Para o presidente da Datagro Consultoria, Plínio Nastari, "não há justificativa econômica nem lógica para a manutenção da gasolina em patamares baixos". Ele avalia que a defasagem de preço já ocorria, mas era mascarada pelo câmbio em torno de R\$ 1,5. Segundo especialistas, a manutenção do preço artificial da gasolina há mais de cinco anos é o principal motivo da perda de competitividade do etanol no mercado doméstico. Para o presidente interino da Unica, a competitividade do etanol hoje está restrita ao Estado de São Paulo, responsável pelo consumo de 60% do combustível renovável. "Como é incerto o aumento do preço da gasolina, o setor terá de encontrar formas de redução de custo para voltar a ser competitivo".

Em 2020, dependendo da taxa de crescimento da frota e do Produto Interno Bruto (PIB), a demanda de combustível quase que dobrará comparada aos níveis atuais, diz Padua Rodrigues. "Hoje o Brasil tem uma demanda da ordem de 45 milhões de litros e o etanol está participando com 36% dessa demanda. Se em 2021 a demanda estará na casa dos 75 a 76 milhões de litros em gasolina, o consumo do etanol dependerá da sua participação nesse combustível", afirmou.

Nastari observou que a participação brasileira do etanol na gasolina é bem maior que a meta dos Estados Unidos e da União Europeia. Nos Estados Unidos, a meta é sair dos 9,5% atuais e atingir 20% da matriz em 2022. Na União Europeia, a meta é chegar a 10% de participação de etanol até 2020. Hoje, o índice é de 3,4%.

CTC e Embrapa unem forças na área de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 16/08/2012

O Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), empresa de pesquisa em cana-de-açúcar e que tem entre seus sócios as gigantes Cosan e Copersucar, deu uma guinada estratégica na corrida pela produção de um etanol de segunda geração. A companhia, que se tornou uma Sociedade Anônima em 2011 e, até então, dispunha de um orçamento anual próximo de R\$ 50 milhões, deve fazer este ano uma captação de mais de R\$ 500 milhões, a maior de sua história.

Para ficar ao seu lado, o centro chamou a Embrapa, com quem firmou uma parceria estratégica para pesquisas em três linhas de atuação. Além de melhoramento genético e biotecnologia agrícola, as duas empresas abraçarão estudos para desenvolver uma enzima nacional (biotecnologia industrial). As enzimas são a peça-chave da fabricação de um etanol celulósico economicamente viável. Elas respondem por cerca de metade do custo de produção desse biocombustível e são responsáveis por "quebrar" a celulose contida no bagaço da cana, revelando os açúcares contidos dentro dele.

Durante três anos, o CTC teve como parceira nessa área a multinacional Novozymes, que tem quase metade de todo o mercado global de enzimas, que movimentou no ano passado cerca de US\$ 3,9 bilhões. "Decidimos ampliar nossas alternativas e estamos conversando também com outras parceiras nessa área, inclusive com a própria Novozymes", afirma Luís Roberto Pogetti, presidente do conselho de administração da Copersucar, principal acionista do centro de pesquisa, com participação de 25%.

A enzima brasileira terá o desafio, explica o CEO do CTC, Gustavo Leite, de "quebrar" o chamado C5 - molécula de cinco carbonos contida na celulose do bagaço. Se essa etapa for bem sucedida, a disponibilidade de açúcares vindos do bagaço vão aumentar de forma significativa, ampliando as chances de tornar o processo viável do ponto de vista econômico. As enzimas até agora desenvolvidas conseguiram desmembrar apenas as moléculas de seis carbonos.

Na área de melhoramento genético da cana, a parceria terá à disposição um mapeamento feito pela Embrapa de 7 milhões de hectares de novas áreas para cultivo de cana no país. A Embrapa tem ainda 50 polos de desenvolvimento para realizar cruzamento de espécies. "O CTC vai colocar à disposição da parceria seu banco de germoplasma de cana, que é o maior do mundo", acrescenta Leite.

O projeto conjunto de biotecnologia agrícola buscará um salto nos marcadores moleculares da cana. Com isso, espera-se acelerar a seleção de características desejáveis e indesejáveis na planta. "A Embrapa tem um time de experts nessa área e um laboratório com tecnologia de ponta. Esse suporte será fundamental para o avanço que buscamos", diz o CEO do CTC.

Os R\$ 500 milhões de captação prevista do CTC conta com US\$ 100 milhões dos sócios, já aportados. Outros R\$ 207 milhões devem ser liberados pelo PAISS (Plano Conjunto BNDES-Finep de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico) e outros R\$ 150 milhões devem vir da Finep. "Ambos estão em fase de reestruturação de garantias", esclarece Leite.

**Portaria define subvenção para pequeno produtor de cana-de-açúcar. Vera Stumm
– Site do MAPA. 21/08/2012**

Produtor terá um apoio de R\$ 5 reais por tonelada do produto com limite de até 10 mil toneladas

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou a Portaria Interministerial nº 777, em conjunto com o Ministério da Fazenda, que define condições para o pagamento da subvenção econômica, referente à safra 2010/2011, diretamente para os produtores independentes de cana-de-açúcar ou por meio de suas cooperativas. A regra vale para aqueles que processam sua produção em usinas e destilarias localizadas nas áreas de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e no Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com o diretor do Departamento de Cana-de- Açúcar e Álcool do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Cid Caldas, o programa consiste em dar um apoio de R\$ 5 reais por tonelada de cana-de-açúcar ao pequeno produtor, com limite de 10 mil toneladas por agricultor, em toda a safra 2010/2011. “Esse é o terceiro ano que o Governo beneficia o setor, atingindo diretamente o pequeno produtor de cana-de-açúcar. 96% desses produtores produzem menos que mil toneladas.”, destaca.

O volume de recursos disponíveis é de até R\$ 90 milhões. Não poderá se beneficiar da subvenção o produtor rural que vender sua produção para a indústria da qual faz parte como proprietário, sócio ou acionista. Também não será contemplada a produção própria das unidades industriais e das cooperativas de produção.

Etanol precisa de política clara na matriz energética. Vasco Dias – Folha de São Paulo, Mercado. 26/08/2012

Não é de hoje que o setor sucroenergético clama por condições concretas para seguir investindo no etanol combustível.

Por isso, é indispensável que haja uma política clara do governo em relação ao etanol na matriz energética brasileira.

Mesmo sem essa política, o setor privado já realiza aportes na tentativa de atender plenamente o mercado interno, por meio do investimento na melhoria da produção dos canaviais e em tecnologias que aumentem a produtividade.

A indústria aposta alto em tecnologia para tirar maior proveito da atual área plantada, seja por meio da melhora da primeira geração, seja no etanol de segunda geração e em outras culturas que possam incrementar a produção.

O país já conta com importantes centros de pesquisa, como o Centro de Tecnologia Canavieira. Mas, ainda assim, é preciso incentivar a pesquisa por meio de investimentos e parcerias com grandes companhias.

Enquanto novas unidades ainda não se mostram economicamente viáveis, o setor investe na ampliação da capacidade das já existentes, além do aprimoramento dos processos agrícolas e industriais, na mecanização do campo e na formação de profissionais mais qualificados.

As últimas medidas anunciadas pelo governo, que incluem as linhas de crédito do BNDES para a recuperação dos canaviais e o financiamento para estocagem, também são iniciativas importantes para revalorizar o setor.

Entretanto, é preciso ir além das medidas de efeito paliativo.

O segmento sucroenergético precisa de políticas e investimentos de longo prazo para que o etanol de cana-de-açúcar continue sendo um ativo valorizado no país, capaz de gerar empregos, divisas e investimentos.

O etanol pode e deve ser a principal aposta do Brasil para se tornar uma potência em energia renovável.

Temos condições naturais e expertise que nenhum outro país possui.

Com políticas e investimentos consistentes e, em especial, previsibilidade, podemos elevar significativamente os índices de produção.

O caminho é longo, mas possível de ser alcançado.

Estudo demonstra a acumulação das usinas de cana com dinheiro público – Site do MST. 27/08/2012

O estudo do professor Pedro Ramos, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fala sobre a relação do processo de acumulação das Usinas de cana-de-açúcar com dinheiro público e suas dívidas que nunca foram pagas.

O texto disserta sobre o apoio estatal à agroindústria canavieira do Brasil, na forma de financiamentos subsidiados, desde o final do período Imperial até a atualidade. Mostra que tais financiamentos, principalmente no período da passagem dos engenhos para as usinas e no do Proálcool, geraram dívidas que, em boa medida, não foram quitadas e, assim, oneraram os cofres públicos (dos estados e União).

Mostra que isto guardou relação com os ciclos dos mercados de açúcar e de álcool, o que pode indicar que – na atual expansão setorial, que tem contado com amplo suporte financeiro do BNDES – a história venha a se repetir.

Abaixo, leia a introdução do estudo e **clique aqui** para ver o artigo completo.

Introdução: uma síntese do período 1870-1965

A história de apoio estatal aos produtores de açúcar e de álcool no Brasil, no tocante aos financiamentos a eles concedidos, remonta ao final do Século XIX¹. Foi principalmente entre 1870 e 1929 que se constituíram as fábricas que hoje são chamadas de usinas, mas que se tratam, fundamentalmente, de unidades agroindustriais semelhantes aos antigos engenhos, evidentemente maiores e mais avançadas em termos tecnológicos. Isso porque no Brasil foi derrotada a ideia de divisão de trabalho entre as atividades agrícolas e industriais, o que significou a derrota no país do que se convencionou chamar de “centrais açucareiras”.

Tal derrota fez com que a maior parte dos beneficiários dos recursos do Governo Imperial e depois Republicano destinados à modernização da mencionada produção agroindustrial acabasse sendo os senhores de engenho do Nordeste, bem como os fazendeiros de café (e outros proprietários/ produtores) do Estado de São Paulo, já que, face à política de limitação da expansão da produção de tal bem, muitos deles passaram a montar engenhos e usinas no território paulista. Assim, os financiamentos subsidiados que foram ou deveriam ser destinados ao capital estrangeiro para a montagem das “centrais” (ou “engenhos centrais”) acabaram sendo concedidos diretamente àqueles proprietários que puderam constituir, modernizar, realocar e ampliar unidades integradas de produção.

Algumas daquelas fábricas acabaram sendo vendidas e/ou fechadas em decorrência de problemas relacionados ao abastecimento de cana ou de problemas técnicos e administrativos.

Em 1929, a grande crise justificou o aprofundamento do apoio do Estado brasileiro ao complexo canavieiro, com a criação de um sistema de planejamento de suas atividades³. Aqui convém chamar a atenção para apenas dois aspectos desse apoio: o primeiro deles é que o Estado, mesmo antes da criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (I.A.A.) em 1933, passou a conceder novos financiamentos aos usineiros para destinarem parte do caldo extraído da cana para a produção principalmente de álcool anidro para ser misturado à gasolina, o que significou a montagem de destilarias anexas às suas fábricas.

Outro aspecto foi que o I.A.A. assumiu a responsabilidade de retirar do mercado interno os excedentes de açúcar, o que significa que tal órgão muitas vezes exportou açúcar com preços gravosos, já que os obtidos no chamado “mercado livre mundial” foram, em boa parte dos anos entre 1930 e 1988, menores do que os que o órgão pagava àqueles produtores.

Da maneira assim sintetizada, a agroindústria canavieira do Brasil pôde expandir-se entre 1930 e 1965– com preços da cana-de-açúcar, dos diferentes tipos de açúcar e de álcool estipulados ou administrados pelo I.A.A. – em um mercado interno em grande crescimento. Como foi em São Paulo que tal mercado se concentrou, é claro que os usineiros locais situaram-se entre os maiores beneficiários de tal crescimento.

Rio corta imposto para incentivar etanol – Site da CNA. 30/08/2012

O governo do Estado do Rio de Janeiro baixou ontem decreto que reduziu de 24% para 2% o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) incidente na produção do etanol. A medida visa a incentivar novos investimentos na indústria canavieira que resultem, no prazo de até dez anos, em aumento na produção fluminense do biocombustível.

O secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços, Júlio Bueno, destacou que o etanol produzido no Rio é incapaz de atender à demanda local.

"Nosso compromisso é a produtividade. Esperamos que, em dez anos, atraídos pelo incentivo tributário, surjam de quatro a cinco novas usinas (o dobro das em funcionamento hoje), que aumentem a produção do Estado, pequena em relação à média nacional", disse o secretário antes da abertura do seminário Rio Capital da Energia.

Na safra passada, o Rio produziu 70 milhões de litros de etanol, o que representa 0,5% da produção nacional de 14 bilhões de litros. O Rio consome em média 5% da produção nacional,

"o que demonstra haver espaço para crescer a produção e atender à demanda", acrescentou Bueno.

Produtor. O decreto diminuiu bastante o ICMS do etanol em relação aos 12% cobrados em São Paulo. "Hoje, quase 90% do etanol que consumimos vêm de São Paulo. Nosso objetivo não é virar produtor nacional, mas sim fazer com que o Rio produza mais", afirmou o secretário.

Assinado durante a abertura do evento pelo governador Sérgio Cabral Filho (PMDB), o decreto tem como alvo as novas empresas que se instalarem no Estado.

O tratamento tributário diferenciado não será aplicado a usinas com débito na Fazenda Estadual ou na Dívida Ativa do Estado

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Seca faz ONU pedir aos EUA que suspenda sua política de etanol – Folha de São Paulo, Mercado. 10/08/2012

Preço do milho, usado para produzir álcool, sofre disparada

A ONU pediu que o governo dos EUA suspenda imediatamente sua política de produção de etanol. Atualmente, 40% da produção de milho é usada para fazer álcool.

O pedido tem como gatilho a pior seca do país em mais de 50 anos, que provocou perdas nas lavouras e disparada no preço do cereal. Além de pressionado pela ONU, o presidente dos EUA, Barack Obama, é questionado internamente por sua política de estímulo ao etanol.

Com a grave seca e a menor oferta do cereal no mercado, os preços futuros do milho na Bolsa de Chicago atingiram ontem o valor mais alto de todos os tempos.

O Brasil tem se beneficiado da crise. As exportações brasileiras de milho avançaram 528% no mês passado em relação a julho de 2011.

Foi embarcado 1,7 milhão de toneladas em julho deste ano, ante 271 mil toneladas no ano passado, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

A indústria de carne e animais, que utiliza a commodity para alimentar sua produção, demonstra preocupação com o aumento dos preços. Um grupo de 20 países, incluindo França, Índia e China, manifestou preocupação com a política do etanol.

O brasileiro José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO (braço de alimentos e agricultura da ONU), foi o responsável pelo pedido aos EUA.

"A suspensão [do etanol] daria algum alívio ao mercado e permitiria que a cultura fosse canalizada para a alimentação", escreveu Graziano em um artigo publicado no jornal "Financial Times".

PERCENTUAL

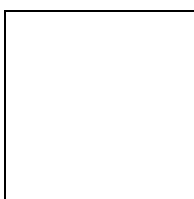
O diretor da ANP (Agência Nacional do Petróleo), Allan Kardec, descartou um possível aumento neste ano do volume de etanol misturado à gasolina, hoje em 20%.

Segundo Kardec, apesar da regulação de estoques feita pela ANP, que aumentou a previsibilidade do setor, os produtores trabalham neste ano com previsão de mistura de 20% e não teriam condições de atender a taxa de 25%.

Mandato do etanol nos EUA na berlinda. Mariana Caetano – Valor Econômico. 13/08/2012

A escalada dos preços do milho no mercado internacional, turbinada pela seca que devasta o Meio-Oeste americano nesta safra 2012/13, trouxe novamente à tona a discussão sobre uma possível revisão no mandato de produção de etanol no país.

O motivo é o peso do biocombustível sobre a oferta do grão, que cresceu ainda mais depois que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou, na sexta-feira, um corte brutal na perspectiva de colheita do país. No ciclo 2011/12, o etanol abocanhou 40% da colheita americana de milho, ou 127 milhões de toneladas.



Os criadores de animais já pediram a revisão desse mandato, e o mesmo fizeram multinacionais americanas de agronegócios e alimentos, como Cargill e Kellogg's. Mais de 100 congressistas americanos engrossaram o coro e decidiram enviar uma carta à Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sigla em inglês) para solicitar a redução do mandato de produção de etanol nos EUA.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) também já se posicionou. "Uma suspensão imediata e temporária do mandato traria alívio ao mercado e permitiria que uma maior parte da colheita fosse canalizada para os alimentos", afirma o brasileiro José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO, em artigo publicado na última quinta-feira no jornal "Financial Times".

Apesar da crescente pressão política, analistas acreditam que a possibilidade de mudança é remota. Em 2008, no auge das preocupações com a inflação dos alimentos, a EPA negou uma petição do governador do Texas, Rick Perry, que solicitava a redução do mandato. Agora, com a oferta do grão apertadíssima no mundo, a situação voltou a se complicar.

Desde o início de junho, as cotações do milho subiram 54% na bolsa de Chicago, de acordo com o Valor Data. No mesmo intervalo, estima-se que os preços das rações animais - em grande parte compostas pelo grão - tenham subido entre 35% e 40% nos EUA.

Atualmente, a lei americana determina uma mistura de até 15% de etanol à gasolina. Como há uma preocupação com a adaptação dos veículos, a adição tem sido gradual e, atualmente, o

percentual está na casa dos 10%. Em 2012, as usinas deverão utilizar 13,2 bilhões de galões do biocombustível (49,9 bilhões de litros) na mistura.

"Alterar o mandato ou não é muito mais uma questão política", acredita Pedro Dejneka, analista da Futures International, em Chicago. Segundo ele, ainda haverá bastante bate-boca, principalmente se o milho rumar para US\$ 9 por bushel (na sexta-feira, os contratos para dezembro fecharam a US\$ 8,0925 por bushel, em baixa de 1,76%).

"Estamos em ano de eleição nos EUA e os republicanos podem tentar atacar a falta de ação do governo atual em relação a isso, defendendo que a população não vai poder pagar mais caro pelos alimentos, com o desemprego no nível em que está. Quanto mais o milho subir, maior será o 'barulho'", avalia.

De fato, ao menos parte da alta do milho deve ser repassada ao consumidor. O Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) prevê que os preços dos alimentos subirão entre 3% e 4% no próximo ano, em função da estiagem no país. "Penso que se engana quem acha que essa maior oferta de milho virá do etanol. Terá de haver uma substituição da matéria-prima usada na ração e um aumento das importações", diz.

Stefan Tomkiw, vice-presidente da mesa de derivativos para América Latina do Jefferies Bache, em Nova York, lembra que quando o mandato foi aprovado, em 2005, esses movimentos do mercado já eram considerados.

"Dentro do programa, foi colocado que poderiam haver solavancos de preço até a produção e o consumo se estabilizarem. E ainda temos a meta de aumento do mandato para 15 bilhões de galões (56,7 bilhões de litros) até 2022. Por isso, acredito que será difícil esse pleito passar", afirma.

De acordo com Tomkiw, se a revisão do mandato fosse feita, o governo americano poderia colocar a perder toda a estrutura que foi - e está - sendo criada para atender a oferta de etanol.

"Nos EUA, primeiro criaram a oferta e depois veio a adaptação dos carros e de toda a estrutura. No Brasil, aconteceu o contrário, e deu no que deu: usinas com problemas financeiros e o Brasil tendo que importar etanol dos EUA, como aconteceu no passado recente", lembra. Segundo ele, qualquer alteração no nível de mistura também se torna desnecessária na medida em que uma melhora na produção de milho no ano que vem já resolveria o problema. "Nada que um ciclo produtivo não ajude".

Por ora, algumas usinas americanas preferiram pisar no freio, à espera da volta de margens menos negativas. A Nodak Ethanol LLC interrompeu os trabalhos em sua unidade localizada na cidade de Atkinson, no Estado de Nebraska, que ofertava cerca de 44 milhões de galões (166,5 milhões de litros) anuais.

Também a Valero Energy Corp. decidiu reduzir o processamento em três de suas usinas no país, que produziam juntas 310 milhões de galões por ano (1,173 bilhão de litros). Como resultado dessa desaceleração, o USDA previu, na semana passada, que a produção de etanol nos EUA sofrerá queda de 3,3% este ano.

Há outro ponto: a redução no mandato não traria uma diminuição na demanda por etanol. As refinadoras precisam do produto para elevar os níveis de oxigênio requeridos pela EPA no

combustível veicular. Depois que o MTBE (éter metiltercbutila) foi banido, o etanol mostrou-se como a única alternativa disponível, em termos de volume.

Em nota reproduzida pela agência Bloomberg, na semana passada, analistas do Morgan Stanley reiteraram que não acreditam que nenhuma mudança na política de mistura vai produzir impactos sobre a demanda por etanol, nem nos preços do milho. "Economia, não política, determina o uso de etanol", concluíram.

Nesse contexto, movimentos ambientalistas que veem a seca nos EUA como reflexo das mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global e rechaçam a ideia de retrocesso na política do etanol, o que privilegiaria combustíveis fósseis, agradecem.

Nos EUA, seca paralisa sete usinas de etanol. Denise Chrispim Marin – O Estado de São Paulo. 19/08/2012

Volume de combustível produzido no país caiu 8% em um mês, e deve chegar a 12%

A pior seca nos Estados Unidos desde 1956 já provocou a paralisação de sete usinas de etanol de milho no país e a redução de produção em outras 26 desde julho. O volume do combustível produzido no país caiu 8% entre julho e agosto e deve chegar a pelo menos 12% até o fim do ano. Mesmo assim, a redução da oferta de milho e o aumento da inflação dos alimentos pressionam o governo a optar pela alteração da mistura de etanol na gasolina.

A situação ressuscitou nos Estados Unidos o debate sobre o conflito entre a produção de biocombustível e de comida. Segundo a Associação de Combustíveis Renováveis (RFA, na sigla em inglês), a demanda por milho pela indústria do etanol diminuiu 12% desde julho. Grandes produtores, como a Poet LLC e a Archer Daniels Midland baixaram em 15% a produção do combustível.

O Estado entrou em contato com duas usinas. A Central Minnesota Ethanol Co-op suspendeu suas atividades no início do mês. A East Kansas Agri-Energy LLC programa a paralisação a partir de 10 de outubro. Entre janeiro e junho, as exportações de etanol do país já haviam caído de 288 milhões de litros para 223 milhões. As importações foram retomadas e aumentaram de 18,9 milhões de litros para 106 milhões no período.

Mas as plantações afetadas pela seca no chamado Cinturão do Milho, os Estados do Centro-Oeste americano, levaram o Departamento de Agricultura (Usda) a rever para baixo as estimativas de safra e a recalcular o impacto inflacionário nos alimentos.

Em queda. Em 2011, foram colhidos 12,3 bilhões de bushel (equivalente a 27,2 kg) de milho. Em junho, o Usda previa uma colheita de 14,8 bilhões. Em julho, reduziu a estimativa para 13 bilhões e, neste mês, para 10,8 bilhões. Se essa última previsão se mantiver, haverá uma redução de 12,2% na oferta do grão em comparação com o ano passado. A cotação do milho na bolsa de futuros de Chicago oscilou de US\$ 5,81 por bushel, no início de junho, para US\$ 8,03 na semana passada. No mês passado, o Usda previa um impacto de 3% a 4% nos preços dos alimentos.

"Cada dia nós aprendemos mais, cada dia nós podemos avaliar mais", afirmou o secretário de Agricultura americano, Tom Vilsack, ex-governador do maior produtor de milho do país, o

Estado de Iowa. "O impacto total da seca começou a cair. Mas o efeito desigual da secura persistente em cada fazenda dificulta a previsão de safra", acrescentou, em entrevista coletiva na sexta-feira.

O próprio Vilsack não descarta a possibilidade de o governo suspender a lei que determina a adição de 49,2 bilhões de litros de etanol à gasolina comercializada neste ano e em 2013. O diretor-geral da agência das Nações Unidas para Alimento e Agricultura, José Graziano, alertou em artigo publicado no dia 9 de agosto pelo jornal britânico Financial Times para a necessidade de redução dessa mistura. Pelo menos 25 dos 100 senadores e 156 dos 435 deputados federais americanos assinaram uma carta ao governo com o mesmo pedido.

Mas Vilsack adverte para o sinal negativo aos investidores de uma medida como essa. "Precisamos ver como o mercado responde", insistiu. A RFA se opõe totalmente. Em palestra na semana passada, o vice-presidente de Pesquisa e Análise da RFA, Geoff Cooper, afirmou ser "um mito" as versões de que o setor de etanol mantém uma demanda inflexível de milho e de que a redução da mistura provocará queda dos preços dos alimentos. "A suspensão da mistura não é necessária."

Com base na argumentação de Cooper, a RFA sustenta ser suficiente a resposta dada pelo setor de etanol, com a redução da produção e da exportação do produto. O preço do galão do biocombustível continua US\$ 0,50 abaixo do de gasolina, insistiu ele, ao salientar outro componente com potencial inflacionário a ser disparado caso a mistura seja reduzida.

Secretário de Agricultura americano comenta sobre política do etanol e queda de produtividade do milho – Site da CNA. 31/08/2012

A comitiva da Aprosoja em viagem ao "Intercâmbio da Soja" pelos Estados Unidos visitou nesta quinta-feira (30) a Farm Progresso Show, na cidade de Boone, estado de Iowa. Durante o evento, os produtores rurais de Mato Grosso tiveram a oportunidade de conversar com o secretário de Agricultura de Iowa, Bill Northey. Na pauta, o assunto que tem dominado os noticiários de agricultura brasileiro e também americano: a seca que assolou as lavouras de milho nos Estados Unidos.

Northey confirmou a redução de produtividade das lavouras de milho. Algo que os produtores mato-grossenses conferiram in loco em visitas à propriedades de Illinois e Iowa. Segundo secretário, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), estimou que as lavouras vão render uma média de 140 bushels por acre (medida americana), convertido à medida usada no Brasil equivale à 147 sacas por hectare. "As chuvas em nosso estado foram esparsas, então podemos encontrar agricultores colhendo de 2 a 200 bushels por acre", destacou Northey. Segundo o secretário de Iowa, na safra passada, os Estados Unidos tiveram uma média de produtividade nas lavouras de milho de 170 bushels por acre ou 178 sacas por hectare.

Ainda de acordo com Northey, a perda não será maior porque, entre outras coisas, a genética das sementes garantiu o mínimo de produtividade. "Se fosse em outros tempos, a seca arrasaria com toda nossa safra. Em 1988, por exemplo, que foi o último ano que vimos uma seca como a atual, colhemos 80 bushels por acre", explicou.

Além disto, os produtores norte-americanos estão segurados, pois garantiram a rentabilidade em caso de catástrofe climática. "Noventa por cento dos produtores do estado contrataram o seguro, que custa US\$ 40 dólares por acre", enfatizou o secretário Bill Northey.

FARM PROGRESS SHOW - O movimento de produtores rurais dentro da feira era intenso, muitos negociando novos maquinários e tecnologias. O empresário Gary Nelson, proprietário de uma revenda de máquinas e implementos agrícolas de Iowa, disse que apesar da seca não sentiu queda na comercialização. “Nossos produtores têm o seguro agrícola, o que faz com que eles continuem comprando para suas propriedades”, explicou.

A Farm Progress Show é a mais conhecida feira dinâmica de tecnologia agrícola no mundo, com cerca de 360 hectares (800 acres) de área de demonstrações de campo, com equipamentos de sementeira, cultivo, colheita e agricultura de precisão.

ETANOL - O secretário Bill Northey também comentou sobre a política norte-americana de etanol. Alguns governadores americanos solicitaram ao governo federal modificações na lei, que obriga a mistura de 10% a 15% de etanol à gasolina. Isto porque os Estados Unidos previam uma produtividade recorde, o que derrubaria o preço. Agora, com a seca nos Estados Unidos, a prioridade de utilização do milho deve ser para atender a outros setores, como a indústria de alimentos. “A decisão será tomada em novembro, depois das eleições presidenciais e também depois da colheita, quando a saberemos a real quebra de safra”, explicou Northey.

A questão do etanol também foi abordada pelo secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Tom Vilsack, que participou de uma mesa redonda durante o Farm Progress Show. Vilsack reforçou que o etanol não é um produto que diz respeito somente à agricultura. “Os Estados Unidos tem uma indústria forte, que transforma a produção agrícola em alimentos, fibras, rações e combustíveis. E por isso precisamos entender que na indústria do etanol há muitas empresas e famílias envolvidas também”, afirmou.

Tom Vilsack lembrou que os investimentos realizados na produção do etanol ajudaram na redução de importação de combustível. O que fez com que os Estados Unidos diminuíssem a dependência do petróleo importado do exterior e trouxe ganhos para o meio ambiente, em função da redução de emissões de gases causadores do efeito estufa.

INTERCÂMBIO DA SOJA - O “Intercâmbio da Soja” aos Estados Unidos é um projeto da Aprosoja cujo objetivo é promover o intercâmbio cultural, social e a troca de experiências entre os produtores brasileiros e norte-americanos. A viagem iniciou no último sábado (25) e os produtores mato-grossenses estão percorrendo as principais regiões de cultivo de grãos nos Estados Unidos (Illinois e Iowa).

A comitiva é composta por 23 pessoas, entre produtores rurais, colaboradores da Aprosoja e técnicos. O objetivo principal é trocar conhecimentos sobre técnicas produtivas norte-americanas e sobre as soluções de logística desenvolvidas no país.

A programação incluiu visita à Bolsa de Chicago, à Universidade de Illinois e Iowa, à entidades de produtores de soja, a fim de comparar as formas de atuação e organização dos americanos, a um porto no rio Mississippi e a várias propriedades rurais.

Biodiesel

Argentina aumenta imposto de exportação de biodiesel. Marina Guimarães – O Estado de São Paulo, Economia. 11/08/2012

O governo argentino aumentou o imposto sobre as exportações de biodiesel de 20% para 32%, conforme decreto publicado ontem. O país sul-americano, que usa soja para produção do biocombustível, é o maior exportador global de biodiesel. Também é o principal fornecedor global de óleo e farelo de soja.

A União Europeia é o maior mercado para o biodiesel da Argentina, que exportou quase 900 mil toneladas no primeiro semestre de 2012, o equivalente a US\$ 1,03 bilhão, de acordo com dados da indústria. "Não há demanda local suficiente para absorver todo o biodiesel que é exportado", disse uma fonte da indústria à Reuters.

A alta na taxa começa a vigorar sábado, segundo o decreto.

Os produtores de biocombustíveis tinham esperanças de que o governo argentino elevaria a mistura de biodiesel no diesel a 10%, ante os atuais 7%, para elevar a demanda doméstica.

O governo argumentou que os produtores de biodiesel são beneficiados com uma margem bruta de mais de 25% graças às políticas públicas que permitiram um crescimento rápido da indústria nos últimos anos.

Nesse sentido, justificou no decreto que os impostos de exportação são instrumento essencial de política econômica para uma distribuição mais equitativa da renda. E que, diante do novo contexto mundial, torna-se necessário adequar as alíquotas dos direitos de exportação.

Em normas complementares, a Administração Pública Federal eliminou as devoluções de 2,5% de impostos relacionados às vendas do combustível e fixou o preço que os produtores receberão pelo produto em 4.405,3 pesos a tonelada (US\$ 2.0351,23).

O governo também criou um Registro de Operadores de Soja Autorizados e a Unidade Executiva Interdisciplinária de Monitoramento para fiscalizá-lo. A Administração Federal de Rendas Públicas, equivalente à Receita Federal brasileira, e três ministérios, incluindo o Ministério da Economia, vão supervisionar o registro. As usinas de esmagamento terão de provar que, para cada tonelada de grão importado, compraram cinco toneladas para processamento doméstico.

O objetivo é aumentar o uso da capacidade instalada de esmagamento de grão de soja porque, no ano passado, segundo o texto, foi verificada uma elevada capacidade ociosa por falta de disponibilidade de matéria-prima.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei,
Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal,
Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Karina Kato,
Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

